

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo.

v. 12, n. 1

Vida em “armários”: um diálogo entre a Teoria das Representações Sociais e as interações socioafetivas na perspectiva de Gays e Lésbicas em Recife-PE

Henrique Landim Santos¹; Mellisa Maia²; Lilliane Tenório³; Mayara Ferreira⁴

Professor(a) Orientador(a): Vivian Silva⁵

Resumo: investigar a expressão “estar no armário” entre homens e mulheres gays e lésbicas residentes na cidade do Recife, sob a ótica da Teoria de Representação Social elaborada por Serge Moscovici (1978) e suas possíveis implicações socioafetivas. Métodos: Pesquisa Exploratória de Natureza Qualitativa sob a utilização de instrumento investigativo semiestruturado, e coleta de palavras relacionadas a expressão proposta por meio de associação livre em cinco homens e cinco mulheres autodeclarados gays e lésbicas. Foi promovida análise do material coletado e também a classificação dos termos arrolados por associação livre. As entrevistas captadas foram transcritas em Word e palavras captadas por associação livre listadas em Excel. Resultados: Coletados 29:57s (vinte e nove minutos e cinquenta e sete segundos) de áudio e 32 (trinta e duas) palavras arroladas para investigação e comparação. Discussão: A análise do conteúdo investigado permitiu apontar a acentuada correlação entre a expressão “estar no armário” e intenso sofrimento psíquico, indo além da compreensão semântica utilizada por determinado

1 Graduado em Relações Internacionais pela Estácio de Sá - Recife e Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA/ Recife. Email: henrique.landim@gmail.com.

2 Bacharelada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA/ Recife.

3 Bacharelada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA/ Recife.

4 Bacharelada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA/ Recife.

5 Doutora em Sociologia e Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Criminalidade, Violência e Políticas Públicas de Segurança (NEPS/UFPE).

grupo social. Foi percebida representação social de caráter altamente nocivo e limitante, possuindo como base o preconceito e não aceitação das diferenças individuais relacionadas a orientação sexual dos entrevistados (as). As "barreiras de interação social" (MOSCOVICI, 1978) apresentaram-se como fator de não aceitação sócio familiar, estando diretamente correlacionada ao sentimento de não pertencimento a determinado grupo, o que impossibilitou os indivíduos de exercerem papéis sociais e relações afetivas saudáveis e absolutas. Conclusão: Tornou-se notória a inter-relação entre o preconceito e saúde mental, sendo fundamental maiores discussões sobre o tema.

Palavras-chave: Socioafetividade. Homossexualidade. Representação Social

Title: LIFE IN "CLOSETS": A Dialogue between Theory of Social representations and the social and affective interactions from the perspective of Gays and Lesbians in Recife-PE

Authors:

Henrique Landim Santos⁴ Mellisa Maia⁵; Lilliane Tenório⁶; Mayara Ferreira⁷

Teacher(s): Vivian Silva¹⁰

Resume: *to investigate the expression "being in the closet" between gay and lesbian men and women living in the city of Recife, based on the Theory of Social Representation elaborated by Serge Moscovici (1978) and their possible socio-affective implications. Methods: Exploratory Research of Qualitative Nature under the use of semi-structured investigative instrument, and collection of words related to the expression proposed through free association in five men and five self-declared gay*

4 Graduated in International Relations from Estácio de Sá - Recife and Bachelor of Psychology from the Faculty of Human Sciences ESUDA / Recife. Email: henrique.landim@gmail.com

5 Bachelor of Psychology from the Faculty of Human Sciences ESUDA / Recife

6 Bachelor of Psychology from the Faculty of Human Sciences ESUDA / Recife

7 Bachelor of Psychology from the Faculty of Human Sciences ESUDA / Recife

10 Doctor in Sociology and Researcher of the Nucleus of Studies and Research in Crime, Violence and Public Security Policies (NEPS / UFPE)

and lesbian women. It was promoted analysis of the material collected and also the classification of terms listed by free association. The interviews were transcribed in Word and words captured by free association listed in Excel. Results: Collected 29:57s (twenty-nine minutes and fifty-seven seconds) of audio and 32 (thirty-two) words listed for investigation and comparison. Discussion: The analysis of the investigated content allowed to point out the strong correlation between the expression "being in the closet" and intense psychic suffering, going beyond the semantic understanding used by a certain social group. It was perceived social representation of highly harmful and limiting character, based on the prejudice and non acceptance of individual differences related to the sexual orientation of the interviewees. The "barriers of social interaction" (MOSCOVICI, 1978) presented as a factor of non-acceptance of family members, being directly correlated with the feeling of not belonging to a particular group, which made it impossible for individuals to exercise social roles and healthy and absolute affective relationships. Conclusion: The interrelationship between prejudice and mental health became clear, and more discussion about the subject was essential.

Keywords: Socio-activity. Homosexuality. Social Representation

Título: VIDA EN "ARMARIOS": Un Diálogo entre la Teoría de las Representaciones sociales y las interacciones socio afectivas en la perspectiva de Gays y Lesbianas en Recife-PE

Autores: Henrique Landim Santos¹¹; Mellisa Maia¹²; Lilliane Tenorio¹³; Mayara Ferreira¹⁴

Profesor(a) orientador(a): Vivian Silva¹⁵

811 Graduado en Relaciones Internacionales de Estadio de Sá - Recife y Bachelor of Psychology de la Facultad de Ciencias Humanas ESUDA / Recife. Correo electrónico: henrique.landim@gmail.com

12 Bachelor of Psychology de la Facultad de Ciencias Humanas ESUDA / Recife

13 Bachelor of Psychology de la Facultad de Ciencias Humanas ESUDA / Recife

14 Bachelor of Psychology de la Facultad de Ciencias Humanas ESUDA / Recife

15 Doctora en Sociología e Investigadora del Núcleo de Estudios e Investigaciones en Criminalidad, Violencia y Políticas Públicas de Seguridad (NEPS/UFPE)

Resumen: investigar la expresión "estar en el armario" entre hombres y mujeres gays y lesbianas residentes en la ciudad de Recife, bajo la óptica de la Teoría de Representación Social elaborada por Serge Moscovici (1978) y sus posibles implicaciones socioafectivas. **Métodos:** Investigación Exploratoria de Naturaleza Cualitativa bajo la utilización de instrumento investigativo semiestructurado, y recolección de palabras relacionadas con la expresión propuesta por medio de asociación libre en cinco hombres y cinco mujeres autodeclaradas gays y lesbianas. Se promovió el análisis del material recolectado y también la clasificación de los términos de la asociación libre. Las entrevistas captadas fueron transcritas en Word y palabras captadas por asociación libre listadas en Excel. **Resultados:** Recolectados 29: 57s (veintinueve minutos y cincuenta y siete segundos) de audio y 32 (treinta y dos) palabras arroladas para la investigación y la comparación. **Discusión:** El análisis del contenido investigado permitió apuntar la acentuada correlación entre la expresión "estar en el armario" e intenso sufrimiento psíquico, yendo más allá de la comprensión semántica utilizada por determinado grupo social. Se percibió representación social de carácter altamente nocivo y limitante, poseyendo como base el prejuicio y no aceptación de las diferencias individuales relacionadas con la orientación sexual de los entrevistados (as). Las "barreras de interacción social" (MOSCOVICI, 1978) se presentaron como factor de no aceptación socio familiar, estando directamente correlacionada al sentimiento de no pertenencia a determinado grupo, lo que imposibilitó a los individuos de ejercer papeles sociales y relaciones afectivas saludables y absolutas. **Conclusión:** Se hizo notoria la interrelación entre el preconceito y la salud mental, siendo fundamental mayores discusiones sobre el tema

Palabras clave: Socio-activity. Homosexualidad. Social Representación

Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, foram registradas mais de 60 mil (sessenta mil) pessoas se relacionando com pares do mesmo sexo, demonstrando assim o reflexo de uma mudança de contexto social da população de Gays e Lésbicas em nosso país, principalmente em regiões como o nordeste brasileiro, que ocupou a segunda posição em registros de casais

homoafetivos (Doze mil cento e oitenta e seis casais registrados). Em 2014, em pesquisa realizada pela mesma instituição e após a autorização do Supremo Tribunal Federal (STF), que determinou a realização de casamentos civis entre pessoas do mesmo sexo em todos os cartórios do território nacional. Foram realizadas 4.185 (Quatro mil cento e oitenta e cinco) oficializações civis, validando assim uma mudança de perspectiva na condução das relações socioafetivas da população.

Em contrapartida à realidade apresentada, segundo o Relatório de violência homofóbica no Brasil, promovido pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos realizado em 2013, foram registrados 9.982 casos de violações de direitos de gays, lésbicas, travestis e transexuais; por dia foram registrados, em média, 27,3 casos, desta amostra, 24,5% das vítimas se autodeclaravam gays e 8.6% se definiam como lésbicas.

Os investimentos em ações relacionadas ao combate à homofobia levam ao amplo debate sobre a garantia de direitos, em paradoxo ao contexto apresentado, o aumento do número de casos relacionados à discriminação por identidade/orientação sexual e de gênero tornou-se uma realidade no Brasil. Mediante tal realidade, a não vivência plena da própria orientação sexual e a não salvaguarda de proteção à liberdade de expressão ainda são consideradas uma realidade para muitos homens e mulheres no país, onde este quadro de repressão comumente se traduz pela linguagem verbal, denotada por vezes com o exemplo da expressão “estar no armário”, traduzindo uma condição por meio da representação social, investigada na presente pesquisa.

1. Objetivos

Este artigo tem por objetivo investigar a representação social da expressão “estar no armário” entre indivíduos(as) gays e lésbicas do Recife e suas possíveis implicações socioafetivas, correlacionando a Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (1978) e averiguando se existem semelhanças ou dicotomias conceituais entre os entrevistados relacionadas ao termo proposto.

2. Fundamentação Teórica

O presente trabalho possui por objetivo avaliar a expressão “estar no armário” entre gays e lésbicas, bem como sua importância e consequências relacionadas, além de sua correspondência socioafetiva para determinada comunidade, utilizando o conceito de representação social (TRS) de Serguei Moscovici, reproduzida em sua obra *A Representação Social da Psicanálise*, que afirma que todo conceito de representação está diretamente ligada a vivências socioculturais, devendo ser examinado “tanto na medida em que ela possui uma contextura psicológica autônoma como na medida em que é própria de nossa sociedade e de nossa cultura” (MOSCOVICI, 1978, p.45)

A TRS (1978) segundo Moscovici se aplica diretamente na conceituação do objeto por meio das relações sociais desenvolvidas entre o fenômeno ou objeto estudado e a sociedade ou população referida, observando a construção de ideias e conceitos por meio da análise do senso comum, onde as mesmas são facilmente aprendidas e reproduzidas pelos indivíduos sem elaborá-las em seu universo interno, como afirma Alves-Mazzoti (2000, p. 59):

“[...] Não existe separação entre o universo interno e externo do sujeito: em sua atividade representativa ele não reproduz passivamente o objeto dado, mas de certa forma, o reconstrói, e ao fazê-lo, se constitui como sujeito, na medida em que, ao aprendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social”

Desta maneira, a TRS de Moscovici (1978) serviu como base para a avaliação da conexão entre a expressão “estar no armário” e sua relação (direta ou indireta) na vida socioafetiva do entrevistado, onde a construção, a fundamentação e a caracterização de sua representação na comunidade de Gays e lésbicas será investigada por meio de avaliação de discurso e associação livre de palavras relacionadas ao tema.

De acordo o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis (1998), a palavra “afeto” é definida como “sentimento de afeição ou inclinação por alguém”, onde a afetividade pode ser conceituada como expressão social do mesmo. O Afeto é considerado uma das três principais funções mentais básicas, juntamente à cognição e volição, estando diretamente relacionada ao desenvolvimento das principais pulsões psíquicas baseadas nas manifestações de cunho emocional entre um indivíduo e seu objeto de afeto. Segundo Dalgalarondo (2002, p.12), referenciado por Martins (2009, p.2), a castração ou não expressão de sentimentos pode se manifestar de maneira psicossomática:

“O afeto como um termo genérico que expressa as emoções, humor e sentimentos. O sentimento como algo duradouro, com consistência, como: o amor, a gratidão, o ódio, o rancor, etc... A emoção um estado agudo, uma explosão de sensações como, por exemplo, a raiva e a paixão. As emoções são acompanhadas por processos fisiológicos expressados por reações físicas quase que imediatas como distúrbios gastrointestinais, crises de riso, choro, dependendo da emoção vivenciada pelo indivíduo e o humor como o estado afetivo da emoção e do sentimento em determinado momento, sendo este o principal componente para vida psíquica, pois é através dele que o indivíduo percebe e reage ao mundo que o cerca” (p.2).

Sendo assim, a expressão do afeto por meio da “afetividade” está horizontalmente ligada ao bem-estar individual, e mediante a não expressão dessa função por intermédio de barreiras como a não aceitação social e a homofobia podem estar vinculadas a ao desenvolvimento de um desenvolvimento psicossocial não saudável.

3. Metodologia

Verificar a concepção da expressão “estar no armário” entre homens gays e mulheres lésbicas, residentes na região metropolitana do Recife-PE, por meio de pesquisa de natureza qualitativa referenciada através de questionário semiestruturado. Os entrevistados(as) também foram submetidos à atividade de associação livre onde quatro palavras relacionadas a expressão proposta foram transcritas pelos mesmos. Os discursos colhidos e as palavras transcritas foram analisados e qualificados para a formulação de conclusão, o instrumento (anexo 1) utilizado contém dados do participante (nome, sexo, faixa etária, raça/cor, município de residência, orientação sexual, estado civil e identidade de gênero).

O instrumento utilizado contém seis questões formuladas para respostas de cunho oral e uma questão relacionada à associação livre, os dados colhidos foram escutados e

submetidos a análise de discurso, sendo extraídos trechos diretamente relacionados à construção da representação social da expressão “estar no armário” para os participantes da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com base na escuta e por meio da aplicação de questionário semiestruturado junto à atividade de associação livre. Foi empregado o uso de celular com aplicativo de gravação para coleta das entrevistas e caneta esferográfica para preenchimento de questionário. Os procedimentos utilizados durante as entrevistas foram realizados em ambiente que facilite o diálogo e a escuta, de preferência um lugar amplo e calmo.

Para a entrevista foram selecionadas (os) oito pessoas, quatro homens e quatro mulheres, autodeclarados(as) como de orientação sexual “gay” e “lésbica”, aos mesmos foi submetido um questionário semiestruturado (anexo I) composto por 7 (sete) perguntas de livre resposta e uma atividade de associação livre. Cada entrevistado concordou declaradamente em responder de maneira espontânea e clara as questões listadas pelo entrevistador(a).

Foram coletados 29:57min (vinte e nove minutos e cinquenta e sete segundos) de áudio e trinta e duas palavras foram arroladas para interpretação e comparação de discurso.

4. Análise de Conteúdo

Para a entrevista foram selecionadas (os) oito pessoas, quatro homens e quatro mulheres, autodeclarados (as) como de orientação sexual “gay” e “lésbica”, onde os mesmos foram submetidos a entrevista semiestruturada composta por sete perguntas de livre resposta e uma atividade de associação livre. Cada entrevistado concordou declaradamente em responder de maneira espontânea e clara as questões listadas pelo entrevistador(a). Abaixo, seguem as questões elaboradas para a entrevista semiestruturada:

Questão (A) - *Em algum momento da sua vida, você já ouviu/proferiu a expressão (ou condição): “estar no armário”?*

Após submissão do questionário foi constatado que todos os entrevistados (as) já ouviram ou proferiram a expressão “estar no armário” em suas respectivas vivências sociais, permitindo a observação da habitual usualidade da sentença proposta entre os indivíduos pertencentes a população investigada.

Questão (B). *Caso sim, qual o significado/conceito da mesma para você?*

Todos os entrevistados(as) responderam à questão proposta, classificando a expressão “estar no armário” como um estado ou vivência imposta pela conjuntura social (sociedade, família, religião, amigos, entre outros) e também por autoimposição, como exemplifica a fala do entrevistado R28 (vinte e oito anos e gay):

“Eu entendo estar no armário como sendo você ser homossexual, você não se aceitar como homossexual e não assumir diante da sociedade a sua orientação sexual. Então tanto é uma coisa de você assumir para si mesmo quanto assumir para os outros, isto é estar no armário.” R28

Outros(as) entrevistados(as) também afirmaram que a expressão “estar no armário” está diretamente relacionada ao ambiente de interação social a qual estão inseridos, refletindo a possibilidade de autonegação da própria sexualidade para garantia de convivência harmoniosa, como afirmou a entrevistada P34 (trinta e quatro e lésbica):

“[...] Já. Já ouvi e passei por isso. Eu sou lésbica, me entendi como lésbica desde os meus 9 anos de idade e escutava muito dos próprios amigos mesmo na época de colégio, mas eu creio que foi muito assim, até pela minha idade, 34 anos... mais ou menos duas décadas atrás, duas décadas e meia, mas também pela falta de informação, que hoje temos mais acesso a informações. Estar no armário é o que todo mundo fala, assim, a sociedade que colocou, para mim. Eu não concordo com esse “estar no armário”, mas é o que foi colocado pela sociedade. Estar no armário é quando uma pessoa tem a sua identidade, seja ela sexual ou de gênero e não assume perante a sociedade. Até porque a sociedade não nos dá brecha para isso, porque falta um respeito perante um com o outro, um respeito mútuo e muitas pessoas de preservam mesmo por isso. Então fica assim, estar no armário fica uma coisa muito pessoal de cada um.” P34

Questões relacionadas ao preconceito na esfera doméstica se destacam como diretamente relacionadas a um “mal-estar existencial”, estas questões se baseiam no sofrimento por relacionado à possível dependência financeira e/ou emocional, sendo por vezes o ambiente doméstico familiar um espaço de aprendizagem e acolhimento mas que nem sempre se relaciona de maneira construtiva mediante a um conflito de ideias e valores, sendo o termo “família” definido por Elsen (2002) e utilizado por Melo (2011) como sendo:

“Um sistema no qual se conjugam valores, crenças, conhecimentos e práticas, formando um modelo explicativo de saúde-doença, através do qual a família desenvolve sua dinâmica de funcionamento, promovendo a saúde, prevenindo e tratando a doença de seus membros” (MELO, 2011, p.2 apud ELSSEN, 2002).

A família apareceu como parte importante na composição dos vínculos sociais da maioria dos entrevistados, apresentando-se de maneira interligada a possíveis relações de limitação comportamental e imposição de valores, onde a negação da homoafetividade dificulta o surgimento de uma imersão honesta e integral nessas relações, onde o indivíduo deve “reprimir-se” visando exclusivamente a manutenção saudável dos vínculos, a exemplo das falas de M28 e L22:

“[...] Eu acho que é você se negar antes de qualquer coisa, porque eu não penso em estar no armário em uma perspectiva minha, mas da minha mãe também. Então é negar uma condição ou sua ou do outro.”
M28

Como também referenciada na fala de L22:

“[...] Até certo ponto, sim. Por exemplo, até enquanto eu não tinha minha independência financeira e emocional também, era uma condição. Eu tinha que ficar no armário. Até o ponto que eu atingi a minha independência financeira e emocional, quando eu consegui ficar independente, né? Emocionalmente da minha mãe, principalmente. Aí eu consegui sair do armário. De certa forma, ainda vivencio, assim, por que meus pais.... Eu já tive duas conversas com meus pais e eles continuam fingindo que não sabem.” L22

Questão (C). *Caso não, a que você acredita que a mesma está relacionada?*

Todos os participantes já ouviram ou proferiram a expressão proposta.

Questão (D). *Para você, está expressão está relacionada a uma condição de vida?*

A maioria dos entrevistados responderam que a expressão proposta está diretamente ligada a uma conjuntura de vida que não permite a absoluta relação integral com o outro (a), onde o termo proposto está diretamente relacionado ao não acolhimento social devido as características de orientação sexual, como ilustrada pela fala de M28:

[...]. Eu acho que é você se negar antes de qualquer coisa, porque eu não penso em estar no armário em uma perspectiva minha, mas da minha mãe também, então é negar uma condição ou sua ou do outro.”

M28

A não permissão de uma relação minimamente integral e franca junto às esferas social e doméstica também se mostraram claras nas falas de outros participantes, como demonstrado na fala de L22:

[...]. Por exemplo, até enquanto eu não tinha minha independência financeira e emocional também, era uma condição. Eu tinha que ficar no armário. Até o ponto que eu atingi a minha independência financeira e emocional, quando eu consegui ficar independente, né? Emocionalmente da minha mãe, principalmente. Aí eu consegui sair do armário. De certa forma, ainda vivencio, assim, por que meus pais... eu já tive duas conversas com meus pais e eles continuam fingindo que não sabem.” L22

Alguns entrevistados(as) afirmaram uma não concordância com o termo “condição”, alegando que a expressão correlacionada determinava um “estado permanente”, demonstrando clara oposição a qualquer tipo de associação referente a palavra “escolhas”, relacionando a atos ou afirmações de violência calcada no preconceito e no medo experimentado pelos mesmos(as), não permitindo uma vivência social saudável baseada na aceitação e alteridade, como afirma P34:

[...]. Eu não me incluo, não. Acho que isso, “estar no armário”, é muito agressivo. É uma coisa muito agressiva e mais preconceituosa mesmo. Tipo piada mesmo, ou para as pessoas fazerem vista cega para o assunto que o fato de sexualidade é uma coisa de cada um, e infelizmente as pessoas se preocupam muito com a vida dos outros, né? Não tem respeito mútuo amor, compreensão.... Então eu mesmo não gosto dessa expressão. Não é o caso que eu tenha sofrido preconceito, já aconteceu de brincadeiras e piadas, mas foi coisa de adolescência, nunca levei a sério isso não. Acho que o impacto é muito complexo. E eu acho que é o caso mesmo de medo, as pessoas têm medo; pela violência, pelo preconceito, muitos levam na brincadeira, não liga feito eu. Mas eu acho que é uma coisa que tem que ser estudada mesmo porque as pessoas têm que ser mais livres, libertas. Acho que é o direito de todo o cidadão de ir e vir ser o que é, e principalmente expressar o amor, porque eu acho que esse lance de cor, de raça, de gênero, de sexualidade.... Eu acho que a gente só tem que propagar o amor, porque isso não mostra a pessoa que você é, o seu

ser, o seu caráter, entendeu? Acho que a gente tem que ver isso bem delicado mesmo, porque mexe com sentimentos, mexe com a razão.” P34

Questão (E). *Caso sim, você já vivenciou esta condição?*

Alguns entrevistados afirmaram estar sobre uma realidade de negação de suas próprias vivências afetivas, reproduzida em suas mais variadas esferas sociais, não permitindo a exposição de seus parceiros(as) de maneira pública (como exemplificado nos fragmentos anteriores), também em ambientes sociais mais específicos, como escola e trabalho, tornando clara a dificuldade de adaptação com o meio, como afirma K28 (vinte e oito anos, lésbica e vivendo um casamento homoafetivo):

[...] Já, no trabalho. Era uma situação que eu não falava o que eu era, não que mentisse, mas não era uma pessoa assexuada no trabalho, na minha família certa parte dela eu também não falo, não falo nada da minha vida, mas minha família mais próxima, meus pais e minha irmã sabem, ao mesmo tempo que estava descobrindo a homossexualidade eles logo ficaram sabendo. Foi bem difícil enfrentar a situação e ao mesmo tempo foi libertador não ter que ficar escondendo.” K28

Também foi percebido questões associadas ao não desenvolvimento de uma autoestima saudável, diretamente relacionada a questões de possível não aceitação e/ou interação social, como reiterou K28:

[...] A pessoa não está sendo completa nas relações, você estar meio que está sendo uma outra pessoa, você não está se mostrando como você mesmo, deve se sentir incomodado, você está interpretando uma outra pessoa para poder se relacionar com outras. Eu acho que atrapalha na confiança que a pessoa tem em si, na autoestima.” K28

Em relação ao tempo de experiência “no armário”, a maioria dos participantes alegaram ter ou estar vivenciando tal estado de alguma forma em suas mais variadas esferas sociais durante longos períodos de tempo, alguns apontaram com precisão o período exato de vivência “no armário”, como a exemplo de T34 (trinta e quatro anos, gay, solteiro):

[...]. Por muito tempo, mais do que deveria. Por 28 (vinte e oito) anos.” T34

Questão (F). *Caso não, qual a sua impressão do impacto da mesma na vida de quem a profere?*

Todos os entrevistados afirmaram ter vivenciado (ou escutado) em algum momento a expressão “*estar no armário*” em algum momento de suas vidas.

Questão (G). *Você acredita que “estar no armário” pode interferir nas vivências ou relações afetivas de alguém? Como?*

A maioria dos entrevistados(as) afirmaram que existem dificuldades de vinculação afetiva ou de manutenção de relações sociais já existentes devido aos fatores condicionantes de “*estar no armário*”. Segundo constatado nas falas anteriores, torna-se perceptível que o preconceito social interferiu diretamente nas relações socioafetivas dos entrevistados(as), dificultando a plenitude de suas capacidades de interação interpessoal, implicando aos mesmo um estado de medo e coerção ao longo de suas vidas, não permitindo o pleno desenvolvimento de aspectos como a autoconfiança e a segurança em relação ao outro, pois a não aceitação de suas relações homoafetivas perante ao conservadorismo social pode desenvolver o receio em se relacionar afetivamente, permitindo a construção de fortes barreiras relacionais, como afirma Moscovici:

“[...] as diferenças culturais, especialmente no nível dos significados e dos valores, podem constituir-se em fortes barreiras para a interação, a comunicação e o entendimento entre as pessoas, com consequências difíceis para a formação e o desenvolvimento de grupos e equipes.” (FELIX, apud MOSCOVICI, 2002 p. 68)

Essas barreiras de interação são claramente exemplificadas de acordo com a fala da entrevistada L30:

“[...]Com certeza. Interfere a partir do momento que você não consegue se relacionar com outras pessoas de uma forma satisfatória para você. Você se impõe a certos relacionamentos que não lhe satisfazem por não conseguir ou não ter coragem ou segurança.... Por vários fatores, não conseguir viver num relacionamento que seja satisfatório para você. Isso deve deixar a pessoa muito infeliz.... Você se condiciona a viver num relacionamento que não é bom ou não ter relacionamento nenhum. Às vezes a pessoa não se relaciona com ninguém porque tem essa barreira na vida.” L30

A negação da própria sexualidade, seja para si mesmo e/ou para a sociedade, manifestadas nos mais diversos âmbitos, podendo levar o indivíduo à construção de “barreiras de interação social”. Como afirma Moscovici (2002), dificultando a aceitação e o sentimento de pertencimento em determinado grupo, não garantindo ao sujeito seu papel na construção comunitária, podendo levar a um gasto de energia empregado especificamente para a manutenção do *status* de “*estar no armário*”, sendo capaz de acarretar um forte esgotamento existencial e à emergência de entraves relacionais, que podem estar diretamente associados a doenças como depressão, ansiedade, isolamento social, entre outros, sendo exemplificado pelo discurso de R28 e M28:

“Sim, completamente sabe, porque para estar em um relacionamento cada pessoa tem demandas pessoais, o que aquela pessoa está procurando naquele relacionamento, e quanto mais incompleta é a pessoa ela procura mais coisas ela procura em um relacionamento e é mais difícil encontra uma pessoa que corresponda naquilo que ela está procurando. Está no armário significa inúmeras coisas significa que para estar em um relacionamento você vai estar com alguém que aceite o fato que você não vai poder sair com ela em público, que você não vai poder demonstrar afeto em público que você via ter que conviver com as dificuldades e com as paranoias que uma pessoa que estar no armário tem, estar no armário influência fortemente as relações, não só amorosas e afetivas entre as pessoas, mas mesmo as relações de vidas, profissionais. Estar no seu ambiente de trabalho não tem como simplesmente desligar o fato que tudo isso não está acontecendo na sua vida, a sua forma de reagir as pessoas ela também passa por aí. A sua forma de reagir a sua família e as pessoas que você trabalha os e que você conhece e tudo isso acaba sendo contaminado por todo esses sentimentos de estar no armário, então não é somente um aspecto um ponto da sua vida que você está no armário e sua orientação sexual com quem você se relaciona afetivamente é comprometido, você é uma pessoa completa acaba influenciando todo o resto.” (R28)

A ideia de não pertencimento ao grupo mostrou-se corriqueiramente presente nas falas colhidas, sendo a família a primeira esfera social de cada indivíduo, compondo suas primeiras noções e percepções que contribuem para a construção do “ente comunitário”, como afirma Aguiar (2011) sobre o pensamento de pertencimento e formação de personalidade social de Durkheim (1987):

“O pensamento durkheimiano enxerga a sociedade a partir da divisão do trabalho, onde a sua principal função é gerar solidariedade pela moral e não pela economia. Ou seja: o que gera a solidariedade social são as normas impostas aos indivíduos partindo de suas ideias e concepções sociais da realidade. A sociedade dá aos indivíduos os ditames sociais da boa convivência, dirige seus passos, formando, assim, sua personalidade, não pessoal, mas social.” (AGUIAR, p.111, apud DURKHEIM)

Ou seja, cabe ao indivíduo que não está de acordo com os ditames sociais um papel social marginal, ou a extenuante busca por formas de representação de um papel social que não correspondem a sua identidade de origem, podendo ocasionar a manifestação de diversos conflitos em suas interações pessoais (subjetivas) e interpessoais (sociais), como exemplo citado pelo entrevistado L22:

“[...] tanto em relação a relação mãe e pai e irmão, como amorosa. Eu conheço vários casais que terminaram porque um estava no armário e o outro não, então não consegue apresentar para a família. Eu tive dificuldade na relação à minha irmã. Eu sempre planejei, desde os 12 anos, planejei um afastamento emocional da minha irmã, porque a minha irmã de ama, é a pessoa que mais me ama e eu achava que ela iria sofrer muito quando eu me assumisse. Então, eu fiz de tudo para ela não gostar mais de mim, porque no dia que eu me assumisse e fosse expulso de casa (que era isso que eu achava), ela não iria sofrer tanto. Isso atrapalhou muito a minha relação com ela. Eu dito que somos Elsa e Ana, de Frozen.” L22.

No fragmento acima, fica explícito o conceito de ancoragem das representações sociais de Moscovici (1978), onde a ideia naturalizada de que o preconceito relacionado à homossexualidade seria a causa de conflitos familiares extenuantes, segundo o autor a ancoragem é o processo de moldagem de um conceito (ou ideia) formulado por determinado grupo ou população e que por sua vez, molda nosso comportamento garantindo uma função condicionante com base em construções representativas que por vezes, são excludentes ou nocivas a grupos e minorias:

“Nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós pensamos através de uma linguagem, nós organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por

nossas representações, como por nossa cultura.” (MOSCOVICI, 1978, p. 35)

5. Análise da Atividade de Associação Livre

Foi entregue aos entrevistados (as) uma ficha (ANEXO II) onde foi proposta a atividade de associação livre, cabendo aos mesmos o exercício de reflexão sobre a expressão “estar no armário” e a transcrição das quatro primeiras palavras que, na opinião deles, estão diretamente correlacionadas ao tema sugerido. Freud (1925) afirma que o método de associação livre está vinculado ao surgimento do desejo nas representações, permitindo que o indivíduo acesse os principais referenciais simbólicos acerca da problemática por meio da livre expressão.

Nos oito participantes foram relacionadas trinta e duas palavras, onde as mesmas foram codificadas em grupos específicos, como demonstra o quadro abaixo:

1. Tabela de Palavras arroladas por meio de Associação Livre

Palavras	Grupos
Raiva, Solidão (três vezes citada), Desesperança, Preconceito, Anulação, Infelicidade, Reconhecimento, Desperdício e Descontentamento.	Sentimento
Liberdade Privada, Livre Arbítrio, Liberdade, Libertação, Encarceramento, Repressão e Prisão.	Liberdade
Sofrimento, Tortura, Descontentamento, Agressão, Mutilação, Angústia, Desconforto, Medo, Mutilação, Pavor e Homofobia.	Dor/Sofrimento
Revolta, Inquietude e Enfrentamento.	Reação

FONTE: Elaboração dos autores.

Como observado na tabela I, as palavras elencadas na classificação “Dor/Sufrimento” e “Sentimento” aparecem em igual número de palavras, em contrapartida o grupo “Reação” apresenta o menor quantitativo de símbolos transcritos, caracterizando uma correlação entre representações sociais relacionadas à expressão “estar no armário” a um universo de dor e sofrimento para a maioria dos participantes, correlacionado diretamente aos sentimentos como a solidão (três vezes citada) e mutilação.

Os dados coletados a partir da associação livre permitiram investigar características das relações sociais sobre a perspectiva da não aceitação de sua sexualidade homoafetiva, sendo a autonegação (na maioria dos casos) imposta como premissa para convivência social, onde por vezes, o preconceito baseado na não aceitação social deste tipo de relação sofre diversas tentativas de naturalização, fase que compõe o estado de objetivação conceituado por Jodelet (1989), e referenciado por Moraes (1995):

“Naturalização dos elementos do núcleo figurativo: a partir desse momento, o abstrato se torna concreto, quase que palpável. O conceito está cristalizado e passa a ser considerado como elemento da própria realidade.”
(JODELET apud MORAIS et al. 1995)

Por meio da ancoragem da naturalização como estágio final da objetivação, o indivíduo cristaliza as informações e vivências experimentadas e repassadas pelo grupo ao qual o mesmo pertence, permitindo assim a manutenção de seu papel no contexto social. Em contrapartida, no tocante da expressão pesquisada, essa manutenção ocorre de maneira sofrível e longe dos aspectos alusivos a liberdade do ser, promovendo um cenário de sofrimento, dor e privação de liberdade, onde outrora correlacionada aos discursos transcritos, mostra-se claro sofrimento psíquico relacionado a pressão da manutenção dos papéis sociais.

O grupo denominado “Reação” foi composto por três palavras (Revolta, Inquietude e Enfrentamento), demonstrando que o universo interno dos indivíduos

reage ao preconceito que eles são expostos, tornando permissível aferir que a representação social do "armário" está diretamente relacionada à sentimentos de mudança de condição e papel social, ainda que o indivíduo se encontre em estado de intensa repressão.

5. Considerações Finais

Mediante a análise do material coletado a respeito da reflexão sobre os temas propostos, foi permitido considerar que a expressão "estar no armário" vai além da compreensão semântica utilizada por um grupo social, tornando-se de fato um "estado existencial" altamente nocivo e limitante, diretamente ligado ao preconceito e não aceitação das diferenças individuais e sociais claramente representadas pela fala da entrevistada M28:

"Sair do armário para mim tem mostrado o quão libertador é extrair de si, apesar de toda a violência que nos leva a "ficar no armário", uma força absurda, capaz de nos sustentar corpo e mentalmente, é aceitar o enfrentamento e não raramente ser afastado pelo outro, estar só pela coragem, mas pela certeza de que é uma luta indispensável à felicidade. Ouvei 6 (seis) vezes que era melhor que eu estivesse morta para minha mãe (ela nunca iria reconhecer a violência dessa fala), mas hoje tenho a força para enfrentar toda forma de preconceito, isso não seria possível se eu não tivesse a certeza e a força de ser quem sou e estar, há 8 anos, saindo do armário." M28

A representação social de "estar no armário" para a população de entrevistada demonstrou a influência de ideias ancoradas e difundidas em uma sociedade que não sabe se relacionar com os mais diversos tipos de afeto podendo prejudicar diretamente as relações familiares e/ou comunitárias, danificando diretamente a manutenção dos laços afetivos, corroborando valores e conceitos baseados na comunicação por meio da violência e imposição de comportamentos padronizados, não garantindo de maneira eficiente aos indivíduos do grupo analisado jurisprudências previstas em lei, como o direito de livre expressão (1988. Art. 5, inc. IX da Constituição Federal) e o direito de ir e vir (1988. Art. 5, inc. XV da Constituição Federal).

A investigação realizada demonstra a necessidade de reflexão a respeito das relações interpessoais de cunho social em nossa sociedade, visando a garantia de uma vida plena e saudável a todos os diversos grupos sociais que a compõe, diminuindo assim o grau de sofrimento de todos(as) que se encontram sobre a rege do “armário”, onde sua representação social se constrói diretamente sobre uma base de repressão e não liberdade, aprisionando indivíduos em papéis sociais totalmente distantes de suas realidades existenciais, obrigando o indivíduo a viver sobre uma constante manutenção de comportamento, compondo um cenário de negação e sofrimento.

Referências

BRASIL. *Art. 5, inc. XV da Constituição Federal de 88. Expandir Constituição Federal de 1988*. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013*. Brasília: **Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos**, 2016. Em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>> Acesso em 30 de maio, 2017.

DE AGUIAR, Gilberto Orácio. O suicídio entre jovens negros na perspectiva durkheimiana. *Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura* - Ano VIII, n. 38 Em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/03/04Osuicidioentrejovensnegros.pdf>> Acesso em 29 de maio, 2017.

MARTINS, Gisele Texford. *A Importância da Vida Afetiva*. Faculdade Santa Cruz – **Revista das Faculdades Santa Cruz** – Ano X, volume VI, nº I – janeiro a junho de 2007. Em: http://www.santacruz.br/v3/download/revista/edicao10/revistasc_10.pdf Acesso em 31 de maio de 2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. JORGE, Juliana David. *A construção da associação livre na obra de Freud*. Belo Horizonte, 2007. Em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Psicologia_JorgeJ_1.pdf> Acesso em 26 de maio, 2017.

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO. REGINA, Patrícia; COELHO, Indira; ALMADA, Denise; JOSÉ, Sebastião; ADAIA, Wanderley. *A Teoria das Representações Sociais*. São Paulo: Perúbe, 2014. Em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2014/teoria_representacoes.pdf> Acesso em 29 de maio, 2017.